artigos

v. 47 • nº 3 • setembro-dezembro • 2022.3

anuário antropológico
v. 47 • nº 3 • setembro-dezembro • 2022.3

Os gestos da escrita nos diários de Raymundo Faoro (Porto Alegre, 1943-1946)

Writing gestures in the diaries of Raymundo Faoro (Porto Alegre, 1943-1946)

DOI: https://doi.org/10.4000/aa.10168

Paulo Augusto Franco de Alcântara
Universidade de São Paulo – Brasil

ORCID: 0000-0003-1256-0630
guto.franco@gmail.com

Doutor em Antropologia Cultural (UFRJ) e atualmente pesquisador de pós-doutorado no Departamento de Antropologia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH/USP).

A pesquisa da qual este artigo é produto é financiada pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP - Processo N 2019/22199-0)

Raymundo Faoro (1925-2003), jurista, historiador e escritor brasileiro, é considerado um dos principais intérpretes da sociedade brasileira no século XX. Entre 1943 e 1952, dos 18 aos 26 anos de idade, quando cursava a Faculdade de Direito em Porto Alegre, ele escreveu 20 volumes de diários, totalizando, aproximadamente, 6.800 páginas manuscritas cujo conteúdo esteve, até então, inédito. O objetivo deste artigo é lançar luzes a uma parte do processo de construção desses documentos, descrevendo e analisando a escrita cotidiana de seu autor. Concebendo a escrita enquanto prática, buscarei, etnograficamente, pelos gestos, isto é, pelas ações que, repletas de experiências, motivações e significados, teriam presidido o curso dessa escrita sempre em relação com o contexto da época. Ao deter-me nos 3 primeiros volumes dos diários (1943 – 1946), concentrarei as descrições no período em que o autor experimenta os seus primeiros anos vivendo em Porto Alegre. Argumento que, mais do que apresentar aspectos inéditos sobre a formação de Faoro, os diários revelam fatos relevantes sobre a cultura e a sociedade da época, fornecendo pistas sobre os requisitos de ingresso em trajetórias intelectuais na Porto Alegre e no Brasil dos meados do século XX. Além de uma contribuição aos estudos dos diários enquanto gêneros literários e intelectuais, lanço reflexões ao terreno da antropologia histórica sobre a escrita.

Raymundo Faoro; Diários; Porto Alegre; Antropologia da Escrita.

Raymundo Faoro (1925-2003) was a Brazilian jurist, historian, and writer. He is considered one of the most prominent social interpreters in 20th century Brazil. He wrote 20 volumes of diaries between 1943 and 1952, totalizing, almost, 6.800 manuscript pages with a fully unprecedented content. In this article, I will investigate the construction process of this archive, describing and analyzing the author's daily writing. I conceive of writing as practice. It means that, from an ethnographic perspective, I will investigate the gestures of Raymundo's writing. So, I will investigate it by its gestures from an ethnographic perspective, looking for their motivations and meanings. Focusing on the 3 first notebooks (1943-1946), I will concentrate on the descriptions of the period when the author experiences during their first years living in Porto Alegre. I sustain that, more than show, for the first time, facts about Faoro's intellectual formation, these diaries reveal relevant cultural and social aspects of the period, providing some clues about the requisites to become an intellectual in 20th century Porto Alegre and Brazil. Beyond studying diaries as a literary and intellectual genre, I aim to advance the terrain of the anthropological history of writing.

Raymundo Faoro; Diaries; Porto Alegre/Brazil; Anthropology of writing.

Introdução[1]

O diário é um gênero de escrita cujas práticas podem fazer parte daquilo que o historiador Philippe Artières (1998) chamou de um dever de arquivamento da própria vida. Se seguirmos o senso comum, ele é geralmente usado como um refúgio íntimo e secreto no qual o seu autor realiza exames e registros sobre si e sobre o seu cotidiano buscando prevenir-se contra o esquecimento (Lejeune 2009, 195). Mas, como todo gênero, o diário pode abrigar uma diversidade de formas, usos e significados. Dentre muitos exemplos na história, entre o final do século XIX e a primeira metade do XX, a escrita de diários se popularizou entre intelectuais, políticos e artistas que a usava como objeto de uma "fenomenologia do ofício de escritor" (Miceli 2001, 86). O que vemos nesses diários, ao contrário daquele confinamento à vida privada, são peças públicas, componentes de obras literárias com certo apelo autobiográfico em que seus autores acentuam, no caráter sempre seletivo da memória, os seus dotes intelectuais mais precoces. O fato é que, independentemente das formas empreendidas, os diários podem ser vistos como documentos do conhecimento histórico e objetos da investigação antropológica, com destaque às práticas de escrita neles abrigadas.

Entre 1943 e 1952, Raymundo Faoro escreve os seus diários. No período, ele habita a cidade de Porto Alegre, na sua maior parte, como estudante da Faculdade de Direito. Ao todo, ele escreveu 20 cadernos, contendo, aproximadamente, 6.800 páginas. Em 1952, junta-se a esse conjunto um caderno contendo, segundo ele, um 'esforço de memória' para reproduzir as 'melhores páginas'[2] dos demais volumes que, naquele momento – ele acreditava –, haviam sido extraviados na sua mudança de Porto Alegre para o Rio de Janeiro. Mas, logo depois, os cadernos foram encontrados e, a partir de 2020, a sua íntegra foi cedida, em regime de exclusividade, para o desenvolvimento de um projeto de pesquisa do qual este artigo é produto[3].

Raymundo Faoro (1925-2003), jurista e escritor natural de Vacaria, no Rio Grande do Sul, está entre os principais intérpretes do Brasil no século XX. O seu mais famoso livro, "Os donos do poder" (1958), apresenta, entre outras análises, a tese de que a dominação patrimonial do Estado sobre a sociedade é um dos principais traços da história brasileira desde o período colonial. As suas ideias influenciaram parte das representações contemporâneas sobre o passado brasileiro no que se referem ao autoritarismo do Estado e a uma frágil construção da democracia. Esse legado conduziu Faoro à presidência da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB) entre 1977 e 1979, onde atuou em favor da redemocratização no final do período de ditadura civil-militar no Brasil[4]. Em 2000, Faoro foi eleito para a Academia Brasileira de Letras, vindo a falecer em 2003.

Mas, na década de 1940, enquanto escrevia os diários, Raymundo[5] era um jovem desconhecido habitando a cidade de Porto Alegre para onde mudara-se com o objetivo de estudar na Faculdade de Direito[6]. Entre os 18 e os 26 anos de idade, anos decisivos de sua formação, ele procura construir-se e projetar-se enquanto um intelectual num contexto agitado por novas ideias e representações sobre a

1 Além de agradecer à FAPESP e o Departamento de Antropologia da USP por fornecerem as bases institucionais e materiais para a boa condução dessa pesquisa, agradeço à minha supervisora Lilia Moritz Schwarcz pela companhia generosa, amiga e crítica.

2 Adotarei aspas simples (') nas transcrições dos diários do autor; aspas duplas (") para menções a outras obras ou a expressões a serem problematizadas, e itálico (*i*) para categorias trabalhadas pelo autor/interlocutor.

3 Os diários, até então, inéditos foram cedidos pela família de Raymundo Faoro, na pessoa do filho André Faoro, a quem agradeço a confiança pelo trabalho.

4 Entre 1982 e 1988, Faoro manteve uma coluna semanal na extinta revista Istoé Senhor, abordando fatos e impasses que caracterizavam, sem sua visão, o período de transição democrática no Brasil após a ditadura civil-militar (Alcântara 2018).

5 A escolha no tratamento pelo primeiro nome parte de uma postura metodológica na qual o autor, um jovem intelectual ainda desconhecido, é também o meu interlocutor da pesquisa.

6 A Faculdade Livre de Direito foi fundada em Porto Alegre em 1900. A partir de 1934, a Faculdade passa a fazer parte da Universidade de Porto Alegre, e em 1950 à Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Anu. Antropol. (Brasília) v. 47, n. 3, pp.108-125. (setembro-dezembro/2022). Universidade de Brasília. ISSN 2357-738X. https://doi.org/10.4000/aa.10168

vida cultural. Os seus diários vão se tornando instrumentos cruciais para essa formação, ao mesmo tempo em que representam e qualificam, partindo de seus pontos de vista, aspectos sobre a vida cultural da época.

Neste artigo tenho por objetivo geral conhecer o processo de construção desses diários, enfocando na descrição analítica da escrita cotidiana de Raymundo tomada em relação com os contextos da época. Procurarei, especificamente, pelos gestos dessa escrita, isto é, pelas práticas que, entre o concebido e o realizado, entre o individual subjetivo e as condições de seu contexto, expressam experiências cotidianas repletas de intenções e significados associados à formação de suas ideias. Enfocarei, especialmente, os três primeiros cadernos, datados entre 1943 e 1946, período em que Raymundo experimenta os primeiros anos vivendo na capital gaúcha[7].

Nesses cadernos, Raymundo Faoro revela aspectos inéditos sobre a sua formação, cujos traços subjetivos são muito poucos conhecidos pela literatura especializada. Porém, ao prescrutar a sua escrita nos diários, é possível recriar as vozes e os ritmos da vida cultural e intelectual da cidade que pairam, precipitam e são organizados nas páginas dos cadernos. É nessa relação entre as práticas da escrita e os contextos da época, entre o literal e as entrelinhas, dentro e fora dos diários, que eu me debruço neste artigo, concordando com Schwarcz (2013) para quem levar a sério um indivíduo é comprometer-se com a investigação crítica do seu papel em meio ao conjunto de referências e relações à sua época.

Tais argumentos me movem, metodologicamente, a partir do pressuposto de que documentos como esses nunca devem ser vistos como meros depósitos inertes do passado de onde são presumidos os mundos (Comaroff e Comaroff 1992, 34). Além da literalidade e da materialidade, eles são verdadeiros campos repletos de práticas e de tensões de onde podemos produzir visões antropológicas sobre o passado (Des Chenes 1997, Cunha 2005). Assim seguindo, sob o ponto de vista da investigação etnográfica, concebo a escrita de Raymundo como práticas ordinárias – coisas que as pessoas produzem e fazem em suas vidas cotidianas (Barber 2007, Fabre 1993), em relação permanente com os contextos que as compreendem e, em certo sentido, as fazem possíveis (Davis 1987, Barton e Uta 2010, 5). Para isso, de forma paralela ao estudo dos diários, lanço mão de pesquisas em jornais e revista da época, bem como de bibliografia especializada.

Na primeira seção do texto, abordo as relações entre a escrita de Raymundo nos diários e a cidade de Porto Alegre, demonstrando como a sua vida na capital, em seus primeiros anos, é, ao mesmo tempo, motivo e uma construção realizada por meio da escrita e das leituras que faz. Na segunda seção, apresentarei e examinarei a escrita de Raymundo nos momentos sequentes em que ele passa a morar em Belém Novo, um povoado localizado nos subúrbios de Porto Alegre. Naquelas circunstâncias em que a escrita se torna mais intensa, Raymundo vai tomando maior ciência do papel dos diários enquanto um ateliê da própria formação intelectual.

Ao final, pretendo contribuir para (a) o conhecimento de aspectos inédito sobre a formação desse autor, (b) concebendo os seus diários como gênero literário e

7 Uso o diário de memórias escrito em 1952 como material de apoio às leituras dos primeiros volumes.

Anu. Antropol. (Brasília) v. 47, n. 3, pp.108-125. (setembro-dezembro/2022). Universidade de Brasília. ISSN 2357-738X. https://doi.org/10.4000/aa.10168

do arquivamento de si. No plano mais geral, (c) esperarei ter fornecido pistas para compreensões sobre a vida cultural com atenção aos traços que constituiriam, a partir de Faoro, a formação de um escritor e pensador no Brasil e na Porto Alegre dos anos 1940. Metodologicamente, (c) forneço perspectivas para os avanços dos estudos críticos sobre arquivos e documentos pessoais e intelectuais por meio de uma antropologia histórica da escrita.

1. Pela janela: Porto Alegre, o "novo mundo" na escrita de Raymundo

Estamos no ano de 1943. É inverno na cidade de Porto Alegre, capital do estado do Rio Grande do Sul. A cidade vai se tornando um dos principais centros industriais do país. A Segunda Guerra Mundial vai se aproximando dos anos finais, não sem deixar uma inflação que aumentava, desde 1941, o preço dos alimentos, conforme noticiava o Correio do Povo. No Brasil, são vividos os últimos anos da ditadura do Estado Novo. Desde o início do século XX, Porto Alegre busca abandonar a imagem de "aldeia grande", para tornar-se moderna, nos espaços públicos e nas sociabilidades. O centro da cidade está repleto de canteiros de obras onde ruínas e demolições convivem com novas construções. Os transeuntes testemunham o alargamento das avenidas que dão passagem a um número cada vez maior de veículos, no mesmo instante em que becos e ruelas, espaços da sociabilidade e do trabalho popular, são extintas. Os "sobrados patriarcais", observados por Gilberto Freyre em 1941[8], dão lugar a construções cada vez mais verticais. Os chamados "arranha-céus" se tornam símbolos da cidade moderna, objetos da atenção da população e dos escritores locais (Cruz 1994, 44).

Como notou Carl. E. Schorske sobre a Vienna no final do século XIX (2012, 26), os objetivos práticos no redesenho de uma cidade estão sempre subordinados à função simbólica da representação. Em Porto Alegre não é diferente. O espaço social é, ao mesmo tempo, produto e produtor dos ideais burgueses de "ordem" e de "moral pública" em que deveriam prevalecer as imagens associadas à "beleza" e à "higiene" (Pesavento 1994, 94). As classes populares são progressivamente expulsas do centro para zonas menos nobres, resultando na formação, concentração e ênfase espacial da pobreza e das desigualdades de classe e raça em terrenos alagadiços e em bairros fabris (Monteiro 1995).

No centro da cidade, entre o Largo do Medeiros, a Rua da Praia e o Parque da Redenção, desde 1920, grupos de jovens com pretensões intelectuais procuram representar a cidade como espaço da novidade, da modernidade e do cosmopolitismo, e isso repercute no aumento da circulação de jornais e revistas literárias locais (Ramos e Golin 2007, 108)[9]. Os cafés, livrarias e bares são os locais onde os autores e aspirantes às letras desfilam para observar uns aos outros e conversar. Na Rua da Praia estão a Livraria do Globo, a Confeitaria Colombo e os bares Franz Zitter, Antonello e Casa Salastino. Encontros também são marcados no Chalé da Praça Quinze e nas livrarias Guimarães, Universal, na Livraria do Comércio e na Livraria João Meyer Filho.

Em 1940, o poeta natural de Alegrete Mário Quintana publica o seu primeiro

8 Em 1946, Gilberto Freyre publica um ensaio na *Revista Província de São Pedro* apresentando algumas de suas impressões sobre a "arquitetura patriarcal" que testemunhou pessoalmente em visita ocorrida em 1941. Ver: Freyre, Gilberto. 1946. "Sugestões para o estudo histórico-social do sobrado no Rio Grande do Sul". Revista Província de São Pedro, nº 7: 10–5. Porto Alegre: Edição da Livraria do Globo.

9 O próprio Raymundo Faoro lançará em 1947 a Revista Quixote, junto a outros jovens escritores locais.

Anu. Antropol. (Brasília) v. 47, n. 3, pp.108-125. (setembro-dezembro/2022). Universidade de Brasília. ISSN 2357-738X. https://doi.org/10.4000/aa.10168

livro "A rua dos cataventos", dando início a uma série de poemas sobre as ruas de Porto Alegre (Hohlfeldt 2009). Os versos de Quintana seguem as imagens da cidade enquanto formada, sobretudo, pelo cotidiano, pelas vidas que dela decorrem e nela circulam: "Olho o mapa da cidade/ Como quem examinasse/ A anatomia de um corpo..."[10].

10 Versos iniciais do poema "O Mapa", de Mário Quintana.

Neste ano de 1943, a Seção Editora da Livraria do Globo – a mesma que publicara Quintana – completa treze anos de existência e, sob a coordenação do escritor Érico Veríssimo, traduz e publica uma literatura considerada de vanguarda. Em Porto Alegre já se pode ler James Joyce, Virginia Woolf, Thomas Mann, Aldous Huxley, André Gide, Liev Tolstói, entre outros. No espaço de seis anos, desde o início das suas atividades, a Seção Editorial publicou também, entre outros: Theodomiro Tostes, Oswald de Andrade, Murilo Mendes, Jorge de Lima, Athos Damasceno Ferreira, Cecília Meirelles, Câmara Cascudo, Graciliano Ramos, Álvares de Azevedo, Machado de Assis, Castro Alves, Coelho Neto, Olavo Bilac e Mário de Andrade (Bertraso 1992, 22; Martins Filho e Pavão 2003, 7).

No Brasil, nas décadas de 1930 e 1940, forma-se a infraestrutura necessária à produção de livros em grande escala (Miceli 2001, 242). O "surto editorial" é tanto para a produção de romances quanto para livros didáticos (Pontes 1988, 59). A Globo já está entre as principais editoras nacionais. As publicações são mais belas e mais baratas, assim como as traduções são consideradas mais elevadas. Porto Alegre anuncia-se, desse modo, como uma promissora capital na América do Sul para o desenvolvimento das artes e das humanidades. É provável que muitos jovens se sintam encorajados em seguir as carreiras associadas às Letras.

Estamos também no ano em que Veríssimo publica o romance "O resto é silêncio", no qual a violência cotidiana e os dramas anônimos da cidade servem de mote para a escrita (Hohlfeldt 2003, 86). A publicação, atacada por um padre jesuíta e docente local, divide a comunidade intelectual de Porto Alegre. De um lado, um grupo da alta burguesia católica, do outro intelectuais, na sua maior parte, críticos ao Estado Novo (Bertraso 1993, 49), demonstrando que os modos de se representar a cidade estavam sob disputas.

Dentre outras magazines da época, a Revista do Globo (1929-1967), de periodicidade quinzenal, já circula de mãos em mãos. Nela são divulgados e propagandeados assuntos referentes à literatura, ao teatro, à moda e aos acontecimentos sociais e políticos da sociedade local. Encontram-se também fotorreportagens com tom sensacionalista que enfatizam os contrastes entre uma juventude pobre e negra e os padrões da moral burguesa de consumo da cidade (Monteiro 2007). A partir de 1937, a seção editora cria o departamento "Mulher e o Lar", associando e limitando o público feminino aos temas da moda, afazeres domésticos, culinária, criação e educação infantil e saúde.

No mês de julho, desse ano de 1943, dentro de um quarto do Hotel Palácio, localizado na Rua Vigário José Inácio, no centro de Porto Alegre, Raymundo Faoro, aos 18 anos de idade, escreve as primeiras páginas dos seus diários. Os anúncios da época contam que o hotel oferece quartos mobiliados e café da manhã para mensalistas. Faz quase dois anos que ele deixou a família na pequena Caçador,

no interior oeste do estado de Santa Catarina e, cheio de planos de crescimento intelectual, desembarcou em Porto Alegre com o intuito de se preparar para o ingresso na Faculdade de Direito, que assim realizará em 1944.

Da mesa de onde escreve, no quarto, Raymundo deve ouvir os ruídos da movimentada rua. Lá ficam a sede do Sindicato dos Trabalhadores na Indústria da Construção Civil de Porto Alegre e o Teatro Carlos Gomes, onde, até setembro, estão em cartaz as comédias populares "Coitado do Libório, de Paulo Orlando, e "O vira-lata", de Casarré-Modesto de Sousa. É também em setembro que estreará nos cinemas locais o filme "Casablanca"[11]. Raymundo gosta muito de ir ao cinema, mas não pode ir com tanta frequência pois isso lhe custa caro dentro de um orçamento mensal apertado, provido pelo pai Atílio Faoro. O cinema norte-americano e suas estrelas estampam diversas matérias na Revista do Globo, dividindo espaço com muitas fotorreportagens sobre a guerra na Europa e sobre o crescimento da criminalidade urbana, com pequenos contos, poesias, resenhas de livros e algumas matérias que homenageiam empresários e ruralistas da época.

11 Jornal Correio da Manhã, setembro de 1943.

Raymundo capricha na caligrafia nos diários, presta atenção à pauta, às margens e à organização dos parágrafos. Todas as páginas são numeradas, e a escrita, muito metódica, é sempre datada. Os cadernos que usa foram adquiridos na Livraria do Globo e em outras papelarias da cidade, como a Casa Lyceu, localizada na Rua Marechal Floriano, a cerca de 10 minutos de caminhada desde o Hotel Palácio. Na lombada de alguns cadernos está gravado o título "meus cadernos". A aparência de um livro revela a vontade de preservação dos próprios escritos por parte de Raymundo, dando a entender a intenção, entre outras, de um "arquivamento de si", no sentido de Philippe Artières (1998). Em contexto, é importante notar que o domínio da leitura e da escrita pode ser visto como privilégio em um Brasil onde a ordem escravocrata insiste com intensidade e onde metade da população com idade acima dos 15 anos é classificada como analfabeta.

A escrita cotidiana de Raymundo parece uma atividade imperativa na qual o autor, nunca de forma ingênua, empreende registros diversos por meio de uma "escrita de si" (Foucault 1983), selecionando, organizando, rearranjando e até construindo fatos e ideias sobre a sua vida. De maneira geral, a escrita é uma forma de estudar, gravando informações, impressões, análises sobre as leituras que faz. Alguns trechos são transcritos seguidos pelos números da página de onde foram retirados nos livros, demonstrando o intuito de recuperação dessas informações no futuro. Os estudos que ele faz nos cadernos, em muito, surgem em relação com as experiências concretas vividas em Porto Alegre naquele momento.

Na primeira página do caderno, Raymundo transcreve um trecho do romance "Os Maias", do escritor português Eça de Queiroz. Nesse dia 12 de julho de 1943, Raymundo pensa a escrita como prática que conecta o conhecimento com os sentimentos da vida concreta, bastante distante da erudição formal que, segundo ele, parece ignorar, por vezes, a realidade.

> Qual clássicos! O primeiro dever do homem é viver. E para isso é necessário ser são e ser forte. Toda a educação sensata consiste nisto: criar a saúde,

> a força e os seus hábitos, desenvolver exclusivamente o animal, armá-lo duma grande superioridade física. Tal qual como se não tivesse alma. A alma vem depois... A alma é outro luxo. É um luxo de gente grande (Eça de Queiroz – Os Maias – Vol I – Pg. 81 – Livraria Selo, Limitada Editora – 1935).

Além de Eça, Raymundo lê e registra nos diários, entre outros, Machado de Assis, Aluísio Azevedo, Monteiro Lobato, Euclides da Cunha, Jorge Amado e os clássicos russos de Liev Tolstói e Fiódor Dostoievski. Na filosofia e na sociologia, os autores alemães são mais presentes: Friedrich Nietzsche, Ferdinand Tönnies, Max Weber, Max Scheler, Oswald Spengler. É por influência de "Os Irmãos Karamazoff" que ele recorda, por escrito, em 1952, ter iniciado a escrita dos diários: 'não passaria dia sem uma linha'.

Em 23 de janeiro de 1944, Raymundo está em Caçador, onde permanecerá até o final do mês de fevereiro. Ele está prestes a, finalmente, ingressar no curso de Direito. Ele registra a leitura de "O cortiço", de Aluísio Azevedo. Sem se adentrar no enredo propriamente dito, Raymundo está interessado na habilidade que o escritor maranhense possui em 'anotar os acontecimentos sociológicos' que o circundam. No entanto, faltaria à Azevedo, segundo ele, a escrita sobre si mesmo, de 'um homem vítima da situação social de seu tempo'.

Um dia depois, Raymundo escreve sobre Machado de Assis, um de seus autores prediletos e que – talvez já soubesse – estaria bastante presente em seus estudos nos anos seguintes. O que talvez falte na literatura naturalista de Azevedo, sobressai em Machado: o 'homem'. Escreve ele que o 'homem' de Machado é um 'feixe de instintos amorais e cegos' e que suas personagens 'se preocupam constantemente com uma boa situação material que os ponha em segurança'.

Se, por meio de Azevedo, Raymundo escolhe criticar um meio literário que não permite que a 'personalidade vigorosa de um escritor' possa desenvolver, em Machado, ele enxerga, com admiração, a construção, com ironia, de personagens de carne e osso, preocupados constantemente com uma boa situação material.

Ler e escrever, segundo ele, ajudam a contemplar um 'tumulto mental' no qual é atirado pelas leituras e na 'ânsia de crescer' em contextos, a seu ver, desfavoráveis a isso. Ele enxerga em Azevedo e em Machado de Assis contextos e personagens semelhantes aos que conhece em seu cotidiano em Porto Alegre. As atividades encarnam os sentimentos de solidão e de isolamento que o jovem frequentemente aciona ao descrever os primeiros anos vivendo na capital. Escrever os diários, desse modo, pode significar um refúgio e até uma companhia no tempo que vive, majoritariamente, solitário.

Esses sentimentos que se apresentam na escrita, ao mesmo tempo, partilham de estilos literários vigentes. Theodomiro Tostes, poeta local, recorda-se de que, na época, os seus companheiros viviam a escrita menos como expressão e mais como evasão ou escapismo do meio e da rotina na capital provinciana (Fretta 2010, 16). Desse modo, os gestos da escrita de Raymundo, ao mesmo tempo em que, repletos de sentimentos, encarnam tentativas de ajuste de restabelecimento daquelas expectativas, coadunam-se com o estilo e o estereótipo do intelectual

recluso, precoce, mal compreendido e crítico da vida social comum. Em diversos momentos, é como se Raymundo usasse os diários como construção e projeção positiva sobre a própria imagem, tornando-se ali um intelectual exemplar.

Provavelmente, Raymundo tem ciência de que a escrita compreende muitos outros atos e gestos além do gravar da tinta sobre o papel. Com Azevedo e Machado, ele trata de anotar e elaborar os acontecimentos que o circundam em Porto Alegre, confiando que a leitura e a escrita lhe concedem uma perspectiva de entendimento diferenciada sobre a realidade social. Ele vê e constrói, por meio da escrita, uma capital repleta de habitantes obstinados a aumentar o próprio patrimônio. Enquanto isso, pensa na imagem de um intelectual comprometido em retratar o próprio contexto social, seguindo um dos traços que enxerga na literatura regionalista da época.

> Um fato decisivo da minha formação foi a vinda para Pôrto Alegre. Cheio de orgulho pueril, com armas fracas mas ousadas, pretendia reinar neste solo, para mim até então, fulgurante e futuroso. Cêdo porém, cêdo demais comecei a constatar o abismo entre os meus sonhos e a fria realidade que transpirava a capital gaúcha. E o resultado foi dúplice: tomei-me da negra descrença para com o Rio Grande e sua gente e se me revelou a prisão telúrica em que me encontrava, com relação a Sta. Catarina. Compreendi que toda a minha fôrça vinha desta, compreendi a natureza de rã, com pretensões voadoras, a que estava confinado. O estado de espírito resultante desse choque ainda me é familiar (1946).

Em 25 de abril de 1944, Raymundo está lendo "Admirável Mundo Novo", de Aldous Huxley. Provavelmente, a obra circula entre os leitores da cidade, já que se trata de uma tradução recém-publicada pela Seção Editora da Livraria do Globo. A obra, grosso modo, chama atenção para um futuro distópico em que o totalitarismo, a razão cientificista e o hedonismo predominam. Raymundo enxerga no livro as catástrofes e as mortandades causadas pela guerra na Europa, mas a sua escrita parece mais impregnada pelo desejo de criticar a vida social local, na qual testemunha o 'desaparecimento das emoções'. No seu próprio "Mundo Novo", ele assiste, nas rodas de conversa e nas publicações de cunho sensacionalistas das revistas locais, um crescente gosto pelos 'crimes horrendos', segundo ele, decorridos das condições mais 'primitivas' do ser humano. Ao seu redor, vê os homens, segundo ele, produtos desse meio, se socorrerem nas 'atividades mais rudes': nos esportes e nas lutas de boxe. Além de Porto Alegre, Raymundo provavelmente fala, nas entrelinhas, sobre o garoto que fora aos 10 anos de idade. Na escola ganhara o apelido de 'filósofo' e, diferente de boa parte dos colegas, não sabia nadar e não era ligado aos esportes. O refúgio teria sido os livros, justificando a construção, no seu intuito autobiográfico com os diários, de um intelectual precoce.

Em análise mais direta, Raymundo percebe e escreve Porto Alegre como aquela formada por açorianos e engrandecida por descendentes de imigrantes alemães egressos da agricultura. Trata-se de uma das 'cidades mais cartaginesas do Brasil',

entendendo-a, desse modo, como predominantemente pequeno burguesa onde não se realizam grandes ambições pessoais. Os seus habitantes, segundo ele, são tendentes à rotina, carentes de vida artística e fechados às famílias. Pelos bares da cidade, Raymundo vê os pequenos círculos de descendentes de alemães reunindo-se para fazer música enquanto consomem chopps.

Em suas interpretações, Raymundo detém-se aos detalhes da vida cotidiana e às dinâmicas das relações interpessoais, dentro e fora dos sobrados de alvenaria. Na parede da sala de um sobrado no centro, ele recria um retrato da família burguesa, uma 'pintura inexpressiva e de valor nulo', segundo ele. A família no retrato que nomeia, em 16 de maio de 1946, ficticiamente, como os Araújo provavelmente tem um 'chefe' industrial, comerciante, proprietário de apartamentos na cidade. Ele naturalmente possui o título de sócio do Clube do Comércio e do Country Club. Os filhos homens, até o momento do casamento e da ascensão a uma profissão liberal na empresa do pai, entregam-se ao ócio. As discussões entre pais e filhos, pelo menos na infância, se dão em torno do bem trajar e da procura de companhias do mesmo escalão social e econômico. Já as mulheres – assim Raymundo as vê –, restritas a um 'eterno feminino', são vigiadas pelas mães, também suas confidentes. Mais do que os homens, elas são leitoras mais assíduas. Leem os romances da moda e, por isso, são também mais fluentes na escrita.

O 'amor' na cidade burguesa, escreve Raymundo, 'não é filho de Cupido, senão da geometria euclidiana'. Casa-se mais por interesses econômicos, e a religião operaria como um 'instrumento prático para refrear as paixões e os sentimento que porventura queiram expandir'. Raymundo vê em Porto Alegre, finalmente, indivíduos assustados ante qualquer ameaça de mudança para além dos limites de um ideal de vida moderada.

Nunca totalmente originais e ingênuos, os modos pelos quais Raymundo representa a cidade e sua sociabilidade burguesa, ao mesmo tempo que produzem, são também, elas mesmas, produtos de um contexto no qual ocorrem disputas intelectuais e morais. Ao redor do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul, fundado em 1920, as fórmulas naturalistas, até então, vigoravam nas narrativas históricas regionais, dando ênfase excessiva nas categorias de raça, meio e de fronteira. Até 1923, as interpretações do passado destacavam o isolamento geográfico do Rio Grande, a sua tardia ocupação pela Coroa Portuguesa, a formação açoriana e o separatismo farroupilha. Raymundo estudou, provavelmente, a partir dessas representações expressas numa construção historiográfica baseada, na sua maior parte, em narrativas genealógicas e biográficas – lineares, homogêneas e heroicas sob o ponto de vista militar – sobre as elites e seus homens ilustres herdeiros do Império.

Porém, em Porto Alegre, na década de 1940, já se pode testemunhar também o crescimento de representações mais plurais inauguradas a partir dos modernismos, tradicionalistas e não tradicionalistas. Isso, em parte, como afirma Nedel (2007), se deve à inserção maior de olhares forasteiros sobre as interpretações regionalistas. E é, certamente, por exemplo, sob as influências do culturalismo e da 'densidade folclórica' proposta, entre outros, por Gilberto Freyre e Câmara Cascu-

do, que Raymundo prefere escrever sobre os aspectos mais minuciosos – materiais e imateriais – das famílias burguesas. Como uma perspectiva de ingresso nesse mundo intelectual que se anuncia, ele confia, para além daquele uso lógico dado à palavra e próprio ao Parnasianismo, encontrar nos sentimentos, gostos, hábitos e valores as expressões sociológicas relevantes para compreender a Porto Alegre que habita. O estilo literário e o próprio motivo da escrita nos diários encarnam essas tendências.

Raymundo elege como foco de sua atenção a emergência da burguesia urbana, mas deixa de fora a formação dos arrabaldes da cidade, uma ausência um tanto quanto eloquente. Ao anotar suas observações sobre o "O cortiço" de Azevedo, ele escolhe, por exemplo, não gravar as mazelas raciais que percorrem o cortiço do português João Romão em pleno processo de modernização urbana no Rio de Janeiro. Ele prefere escrever brevemente sobre o escritor, sobre seu contexto literário, sobre alguns traços constitutivos do naturalismo, finalmente. Em 1938, Athos Damasceno Ferreira[12] já havia publicado o seu romance "Moleque", no qual, aborda, em bases realistas, o cotidiano e os problemas sociais de um menino descendente de escravizados vivendo nos arrabaldes de Porto Alegre.

12 Athos Damasceno Ferreira (1902-1975) foi um escritor local. Ele produziu crônicas, poesias e ficção, tendo atuado como tradutor na Livraria Globo e colaborador na revista Província de São Pedro e do jornal Correio do Povo.

A cidade gravada nas páginas dos cadernos de Raymundo é produto de sentimentos, experiências cotidianas, de leituras na sociologia e nos romances em circulação na época, assim como dos esforços, em relação com o contexto, de construção de estilo por parte do autor. A Porto Alegre de Raymundo é a capital provinciana, caracterizada por sobrados burgueses, onde a vida intelectual é limitada, e os vocacionados às artes e à literatura são malvistos pelas elites. Por ora, não é a cidade dos expulsos, dos arrabaldes fabris, do racismo e da pobreza. Trata-se de uma cidade que, ao mesmo tempo que é construída, dá significado à escrita dos diários de alguém que se projeta à uma vida no mundo das Letras.

2. As muitas mãos que escrevem os diários: Belém Novo, a "montanha mágica" de Raymundo

No dia 09 de maio de 1946 Raymundo não mora mais no Hotel Palácio, em Porto Alegre. Ele está em Belém Novo, um povoado localizado nos subúrbios da capital. Ele passa parte desse dia lendo "Guerra e Paz", de Tolstói, obra que qualifica como 'superior', devido à sua importância sociológica. Raymundo passara mais de um ano sem escrever os diários, período no qual ingressou na Faculdade de Direito e auxiliava na organização de comícios políticos em Caçador. O que se pode acessar sobre esses dezesseis meses de pausa, entre julho de 1944 e novembro de 1945, são as memórias selecionadas e condensadas pelo escritor. Raymundo não menciona as razões para essa pausa na escrita. Já sobre a sua retomada, os motivos são abundantes.

De volta aos diários, ele se dá conta de que a escrita nunca acontece de forma espontânea e totalmente original, como acreditara ser nos primeiros anos em Porto Alegre. Ele reflete que a prática será sempre motivada e, de certo modo, somente viabilizada a partir de leituras anteriores ou em curso. Por isso, passa a

ler ainda mais, lendo enquanto escreve e, provavelmente, ciente que, nesse momento, as mãos que incidem na escrita de seus diários são muitas, além das suas.

Nesse mesmo dia, Raymundo se recorda que um ano atrás, no dia 8 de maio de 1945, na noite que coincide com a queda do regime nazista na Alemanha, um acontecimento alterou a sua rotina e os rumos de seus objetivos. Na data, ele visitava Caçador para participar de um comício político no qual, segundo suas intenções, se projetaria como um 'líder oposicionista'. Mas naquele dia, o desejo de falar foi interrompido por uma febre.

> Saindo do comício fui à farmácia e tomei uma injeção contra a gripe e, à oferta de pessoa, tomei um copo de vinho fortificante. À noite, porém, recolhendo-me mais cêdo que o habitual, no corredor do meu quarto, após tossir, senti que alguma coisa quente me subia à boca. Escarrei. Era sangue. Voltei a escarrar. Era sangue novamente. E assim por algum tempo. Enquanto foram chamar o médico e mesmo após a vinda dêste, senti um abatimento melancólico (09 de maio de 1946).

Com sensação de desânimo e com dores nas costas e ombros, Raymundo retorna para Porto Alegre sem proferir seu discurso no comício. O diagnóstico de tuberculose veio junto à escolha de morar em Belém Novo. Raymundo não descreve diretamente as razões dessa mudança, no entanto, consigo percebê-la por meio das relações entre os motivos de sua escrita e o contexto da época.

Belém Novo é um núcleo de povoamento localizado na porção sul de Porto Alegre, à beira do Rio Guaíba. De sua nova residência, num quarto do Hotel Cassino, Raymundo relata só sair para as consultas médicas em Porto Alegre e, eventualmente, aos domingos, para encontrar-se com o amigo Elmo Ribeiro[13], com quem trava longas 'palestras' sobre política, comportamento humano e sobre a vida social em Porto Alegre.

Belém Novo é identificada e representada à época como um local de veraneio, sendo associada aos períodos de férias e de repouso, especialmente, da elite porto-alegrense. No imaginário local, o povoado pode ilustrar a cultura do banho de mar, iniciada na Europa no século XVIII e reproduzida em terras brasileiras também para lagoas e rios. O Hotel Cassino, à beira do lago, segue o modelo cultural, abrigando atividades típicas da vida moderna no verão tais como: almoços festivos, *garden parties*, torneios esportivos, bailes, e jogos de azar, tudo isso, em torno dos banhos no Guaíba (Garcia 2019).

Enquanto lê e faz anotações sobre "Guerra e Paz", Raymundo observa a frequência social em Belém Novo. De um lado os 'nativos', a população 'crescida' e 'adstrita' ao local. Do outro, estão os 'veranistas' que por lá permanecem somente nos meses de calor. Raymundo observa a rivalidade e os contrastes entre esses grupos. Os veranistas frequentam restaurantes e clubes cujo acesso é permitido apenas a sócios. Já os 'nativos' vivem em bares mais 'sujos' e 'abjetos', nas casas de comércio onde se vende tudo. A escrita coloca divisões estanques e, por meio delas, é possível identificar as questões sociológicas caras a Raymundo. Ele reflete

13 Elmo Pilla Ribeiro foi colega de Faculdade de Raymundo Faoro, vindo a se tornar professor na mesma Faculdade no Departamento de Direito Público e Filosofia do Direito (Santos 2000).

sobre a decadência das aristocracias rurais e a emergência da burguesia urbana, tanto na Rússia de Tolstói quanto em Porto Alegre, entre a subordinação pessoal e patriarcal aos coronéis, e a subordinação econômica aos banqueiros e capitalistas. Os verões em Belém Novo seriam momentos exemplares para se observar esse fenômeno, segundo Raymundo.

Mas, em razão de seus atributos naturais, Belém Novo é também vista como um "local sanitário", ideal para a residência temporária de pessoas em tratamento da tuberculose. O local é próprio para o isolamento dos enfermos em locais arejados e bem iluminados, em oposição à insalubridade e à boemia característica dos centros urbanos da época (Bertolli Filho 1991, 56). No jornal O Momento, publicado em dezembro de 1945 na cidade de Caxias do Sul, lia-se um "preceito do dia" que afirmava a tuberculose como "fonte abundante de contágio", e, sendo praticamente inviável controlar todas as suas fontes, "cumpre a todos fortalecer o organismo".

Apesar de não detalhar na escrita, o Hotel Cassino poderia ser para Raymundo o seu próprio sanatório de Berghof. Desse modo, Belém Novo – e os diários – poderia ser comparada à sua "Montanha Mágica", contexto no qual passava, segundo ele, a se apegar mais à vida, na necessidade urgente de fazer alguma coisa capaz de enfrentar aqueles anos difíceis, diante de tantas incertezas. Por isso, a partir do dia 27 de novembro de 1945, nove meses após sofrer a primeira hemoptise, Raymundo decide que não passaria sequer um dia sem escrever, 'anotando tudo, pensamentos, observações e fases da vida', procurando, na maior parte, relacioná-las a motivos intelectuais'. Naquele momento da doença, lendo, entre outras, a obra de Thomas Mann publicada pela editora do Globo, Raymundo, provavelmente, sentia que "o gênio da enfermidade é mais humano que o da saúde" (Mann 2020, 534) e, por isso, lança-se numa espécie de intelectualização da própria condição em que os diários cumpririam função central, capaz de registrar e dar concretude às suas reflexões e experiências.

Em uma das visitas ao seu médico, Dr. Ricaldone[14], Raymundo se recorda de ter folheado um livro escrito pelo médico e professor Manuel Madeira Rosa[15] que trazia uma lista de 'tuberculosos célebres' para explicar como certos 'germes' da moléstia poderiam estimular a atividade intelectual. Provavelmente estavam nessa lista Goethe e Byron, autores que Raymundo lia e cujas motivações criativas se baseavam na introspecção e na auto-observação. O Goethe, na caneta de Raymundo, é aquele que 'escreveu que só é digno de liberdade quem a conquista todos os dias'. No Brasil, os seus representantes para Raymundo seriam Alvarez de Azevedo (1831-1852) e Castro Alves (1847-1871).

A partir do tratamento médico que faz, dos livros especializados, da leitura dos romances, das notas de jornal e do saber popular que acessa, a tuberculose vivida por Raymundo é, igualmente, objeto da história científica e da história das representações e das mentalidades, tal como defendido por Le Goff (1991, 8). E é nessas relações que ele se move a acreditar que a 'moléstia' esteja apressando a sua maturidade e desenvolvendo a sua escrita, que agora possui um ritmo mais intenso e disciplinado do que fazia no Hotel Palácio.

14 Segundo anúncios do jornal Correio do Povo entre 1941 e 1946, Dr. Ricaldone era dos mais influentes especialistas em "moléstias dos pulmões" em Porto Alegre. O médico atendia no Edifício Vera Cruz, na Avenida Borges de Medeiros, no centro da cidade.

15 Manuel Madeira Rosa foi um médico e professor da Faculdade de Medicina de Porto Alegre.

Mas, além da reclusão e do sentido da urgência em registrar a própria vida, a escrita grava as frequências da frustração de seu escritor. Nesse momento, Raymundo concebe a escrita enquanto treino e a sua prática diária enquanto disciplina. No registro de memória, em 1952, ele escreve que essa decisão partira de sua baixa performance na elaboração de discursos políticos nos comícios em Caçador. Até então, ele considerava que o 'combate político' era o plano ideal em que as habilidades oratórias confirmariam os dotes intelectuais. Essa sua concepção mudaria a partir de 1946, mas é importante notar que na época vigorava em seu meio a ideia de que um bom bacharel é aquele que possui o domínio das palavras, na escrita, nas conversas e nas palestras públicas. Tais atributos podem ser associados à própria imagem dos cursos de Direito – incluindo o que ele já cursava em Porto Alegre – um tanto voltados a uma formação intelectual polivalente (Miceli 2001, 114).

> Em 1945, acadêmico de raro brilho, eu, em Caçador, brilhava para a sociedade quando, com o aparecimento da política, fiz-me de líder oposicionista. Armei o primeiro de comício, onde eu iria embasbacar os povos com o discurso de abertura. Dei-me conta, então, que não sabia escrever a peça que iria estarrecer o Estado e o Brasil. Com a caneta na mão, diante do papel, não saía nada de bom, ocorriam-me idéias obscuras, pesadas e os lugares comuns se atropelavam na imaginação. Faltava língua ao orador — eis a triste e acabrunhante realidade. Remediei como pude o "embroglio" e fiz o propósito de superar a pequena, quase insignificante, insuficiência (1952).

Nesse intento, Raymundo intensifica os estudos que faz a partir de obras acadêmicas e da literatura ficcional. Com Max Weber, Karl Marx, Ferdinand Tönnies, Karl Mannheim e Max Scheler, Raymundo lança seus primeiros investimentos na Sociologia, pensando a partir dos pares indivíduo/sociedade, comunidade/sociedade, utopia/ ideologia, razão/emoção. Junto a esses estudos, ele apresenta relatos sobre a sua vida os quais são escolhidos, geralmente, para ilustrar ou para introduzir argumentos que apreende com as leituras. Assim faz, em 1945, não somente com Tolstói, mas como, por exemplo, com os sermões de Antônio Vieira de onde percebe as relações entre poesia e oratória. Em março de 1946, Raymundo manifesta empolgação com a leitura de "Terras do sem-fim", de Jorge Amado, publicado em 1943. Para ele se trata de um autor com grande personalidade que vê como uma 'grande personalidade' que sabe criar a partir da própria terra onde vive ou do seu 'espírito regional'.

> Vive Jorge Amado a vida abissal da natureza, do conflito surdo e profundo entre a paisagem e o sangue, longe do espírito com a sua constelação de valores. Para corroborar a assertiva é de assinalar o fato do homem ser um ser primário em contato com os seus elementos puramente instintivos e puramente vitais. Mesmo em "Terras do Sem Fim" a busca da propriedade não provém do desejo do valor econômico, mas da necessidade de domínio absoluto sobre a paisagem, quiçá de um desejo de segurança contra o mêdo fundamental...

Em Belém Novo, Raymundo passa, ainda mais, a se interessar por certa literatura regionalista, que, em alguma medida, se compromete em retratar, com realidade, os problemas sociais que caracterizariam as relações entre o indivíduo e a terra. O olhar que vê o povoado é produto de combinações entre esse estilo e a literatura acadêmica que estuda. Trata-se de uma chancela para que ele construa uma escrita em seus diários em que o concebido, o teórico e o vivido se alinhem na formação de suas ideias. Segundo ele, em março de 1946, é uma 'profunda mensagem de renovação da língua' o que fazem Amado, José Lins do Rego, Monteiro Lobato e Graciliano Ramos.

A partir de abril de 1946, Raymundo passa a mencionar o filósofo alemão Hermann Von Keyserling, citando trechos dos seus diários de viagem. O entusiasmo com esse autor revela o aprofundamento da escrita enquanto um laboratório onde o pensador constrói não apenas as suas ideias, mas a sua própria autoimagem alinhando o conhecimento acadêmico com as suas experiências cotidianas. Autor já popular em alguns círculos intelectuais brasileiros[16], Von Keyserling usava seus diários como peças públicas para elevar e até "dramatizar" os seus dotes intelectuais, como ele mesmo faz transparecer na introdução ao volume I (1925).

Não é mera coincidência o fato de que nesse mesmo momento, Raymundo inicia também a leitura dos diários do escritor francês André Gide, com quem concorda que o estilo de escrita está ligado também ao sentimento íntimo do escritor. Mais ainda do que Von Keyserling, Gide constrói os seus diários como peças de uma obra literária maior, na qual a consciência autobiográfica se mistura com a ficção e com o seu legado futuro (Freixas 1996). Tudo leva a crer que Raymundo sabe de que a escrita de diários pode atuar como um requisito para o ingresso ao mundo das letras.

Por isso, muito mais do que o ato em si do registro no papel, Raymundo usa a escrita como estudo, em suas palavras, como um *ateliê* de onde deverão sair seus trabalhos futuros[17]. A escrita compreende também os atos de uma 'higiene mental' contra as 'angustias' e os 'ressentimentos' causados pela tuberculose e pelas frustrações com o meio social da época. Nesse *ateliê,* Raymundo escreve como quem esculpe um autorretrato do intelectual que pretende se tornar. Num autorretrato, um autor compõe com aquilo que seleciona a partir de suas memórias, seus estudos e suas vivências na cidade, ora suavizando, ora exagerando os seus traços, em acordo com o contexto estilístico e os valores que apreende na época e no meio.

Não restam dúvidas de que nesse "artesanato narrativo" de Raymundo, para usar a expressão de Davis (1987), habitam muitas vozes ou elementos de criação que se apresentam de forma direta e indireta naquilo que chamo de gestos de escrita. Para além da autoria individual, encontro personagens com suas diferentes propostas, teses, hesitações, dilemas e contradições. São vozes conhecidas e anônimas, autores e não autores, desde um poeta assentado diante de uma mesa de bar localizado na Rua da Praia, um transeunte na Rua Vigário José Inácio e um veranista hospedado no Hotel Cassino em Belém Novo, até um filósofo alemão escrevendo seus diários de viagem deslocando-se, cheio de curiosidades e projetos, por lugares, até então, por ele desconhecidos.

16 Keyserling era, na época em questão, um autor da curiosidade entre alguns círculos intelectuais brasileiros. Mário de Andrade e Oswald de Andrade o leram com algum entusiasmo (Faria 2013). Os diários de viagem de Keyserling expressavam, num tom um tanto quanto exotizante e sob o ponto de vista eurocêntrico, interpretações sobre diversos povos e etnias apontando para um olhar positivo sobre as diferenças culturais. Keyserling usava seus relatos para criticar o "tempo acelerado" da modernidade relacionando-o como a "decadência do ocidente". No projeto maior desse autor, pode-se encontrar a defesa da formação de uma elite intelectual baseada numa ideia aristocrática de cosmopolitismo.

17 Em outro artigo, descrevi esse 'ateliê' de si com maior vagar (Alcântara 2021).

Considerações finais

Os diários de Raymundo Faoro, sob escrutínio etnográfico, apresentam, de forma inédita, aspectos sobre a formação do futuro jurista, ensaísta e historiador. Entre 1943 e 1946, ele é um jovem desconhecido explorando a cidade de Porto Alegre enquanto ingressa na Faculdade de Direito. Acompanhei e descrevi, no curso da escrita desses diários, os registros das obras que ele lia ao mesmo tempo em que, direta e/ou indiretamente, narrava fatos e reflexões sobre a sua vida na cidade. Muito além do senso comum sobre esse gênero de escrita e arquivamento de si, os diários são usados por Raymundo como peças essenciais à sua formação intelectual, no presente e endereçadas ao futuro, assim como fizeram o filósofo alemão Von Keyserling e o escritor francês André Gide, duas importantes referências para o autor.

Mais do que revelar o indivíduo em suas particularidades, neste artigo, argumentei que tais diários, como documentos de um arquivo de onde se pode produzir conhecimento antropológico sobre o passado, são peças vitais para a compreensão de aspectos culturais e sociais da Porto Alegre e do Brasil da época, com foco em padrões e requisitos presentes na formação de escritores e pensadores. Confiando que textos são sempre versões contextuais seletivas e produtos de muitas tensões e disputas travadas social e culturalmente, sustento que a escrita de Raymundo são práticas repletas de gestos, isto é, de ações, intenções, experiências e significados empreendidos pelo autor sempre em relação com o seu contexto.

Desse modo, nos encontros entre o autor e seus contextos, direta e/ou indiretamente, na presença e na ausência, no literal e nas contradições, a escrita de Raymundo revela personagens, transeuntes, escritores, conhecidos e anônimos, entre relações pessoais e figuras distantes, entre os planos da vida cotidiana na cidade e a vida nos livros, finalmente, entre o concreto o idealizado. Todos, de certo modo, interferem na escrita de Raymundo, desde a caligrafia, o conteúdo, até os usos e as intenções que presidem essas práticas que vão tomando cada vez mais o tempo do escritor nos anos de sua formação e que configurará, finalmente, os alicerces das ideias do "intérprete social".

Recebido em 09/06/2022
Aprovado para publicação em 10/10/2022 pelo editor Henyo Trindade Barretto Filho

Referências

Alcântara, Paulo Augusto. 2018. "Transição com aspas". *In A república em transição. Poder e direito no cotidiana da democratização brasileira (1982-1988)*, organizado por Paulo Augusto Alcântara, Joaquim Falcão, e Raymundo Faoro. São Paulo: Record.

Artières, Philippe. 1998. "Arquivar a própria vida". *Estudos Históricos* 11, nº 21 (julho 1998): 9–34, jul. 1998.

Barber, Karin. 2007. *The anthropology of text, persons and publics*. Cambridge: Cambridge University Press.

Barton, David, e Uta Papen. 2010. "Introduction". *In The anthropology of writing: Understanding textually mediated worlds*, organizado por David Barton, e Uta Papen. New York: A&C Black.

Bertolli Filho, Claudio. 2001. *História social da tuberculose e do tuberculoso: 1900-1950*. Rio de Janeiro: Fiocruz.

Bertraso, José Otávio. 1993. *A Globo da Rua da Praia*. São Paulo: Globo.

Comaroff, John, e Jean Comaroff. 1992. *Ethnography and the historical imagination*. Oxford: Westview Press.

Cunha, Olívia Maria Gomes da. 2005. "Tempo imperfeito: Uma etnografia do arquivo". *Mana* 2, nº 10: 287–322.

Davis, Natalie Zemon. 1987. *Fiction in the archives: Pardon tales and their tellers in sixteenth-century France.* Stanford: Stanford University Press.

Des Chene, Mary. 1997. "Locating the Past". *In Anthropological locations: Boundaries and grounds of a field science*, organizado por James Ferguson, 66–85. California: University of California Press.

Faria, Daniel. 2013. "As meditações americanas de Keyserling. Um cosmopolitismo nas incertezas do tempo". *Varia História* 29, nº 51 (set.-dez. 2013): 905–23.

Fretta, Cristiano. 2010. *As representações de Porto Alegre em* Poemas de Minha Cidade*, de Athos Damasceno Ferreira*. Monografia de conclusão de curso, Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Fabre, Daniel (Dir.) 1993. Écritures ordinaires. Paris: POL.

Foucault, Michel. 2004. "Escrita de si". *In Ética, sexualidade, política*, organizado por Manoel Barros da Moura, 144–62. Traduzido por Elisa Monteiro, e lnés Autran Dourado Barbosa. Rio de Janeiro: Forense Universitária.

Freyre, Gilberto. 1946. "Sugestões para o estudo histórico-social do sobrado no Rio Grande do Sul". *Revista Província de São Pedro*, nº 7: 10–5. Porto Alegre: Edição da Livraria do Globo.

Garcia, Clarissa Maroneze. 2019. "Aprazível subúrbio: Veraneio e loteamentos balneários no Bairro Belém Novo em Porto Alegre entre os anos 1920 e 1970". *Anais XVIII ENANPUR*, Natal-RN.

Golin, Cida, e Paula Viviane Ramos. 2008. "Jornalismo cultural no Rio Grande do Sul: A modernidade nas páginas da revista Madrugada (1926)". *Revista FAMECOS* 14, nº 33: 106–14.

Hohlfeldt, Antonio. 2009. "Mário e a Cidade". *Cadernos de Literatura Brasileira. Mário Quintana*, nº 25, 89–103. Rio de Janeiro: Instituto Moreira Salles.

Le Goff, Jacques. 1985. "Uma história dramática". *In As doenças têm história*, organiza-

do por Jacques Le Goff, e Jean-Charles Sournia, 7–9. Lisboa: Terramar.

Lejeune, Philippe. 2009. *On diary*, edited by Jeremy D. Popkin and Julie Rak. University of Hawaii Press.

Mann, Thomas. 2016. *A montanha mágica*. Traduzido por Herbert Caro. São Paulo: Companhia das Letras.

Martins Filho, Plínio, e Jadyr Pavão. 2003. "Um grande 'inventor'". *In Cadernos de Literatura Brasileira. Érico Veríssimo*, 16. Rio de Janeiro: Instituto Moreira Salles.

Miceli, Sérgio. 2001. *Intelectuais à brasileira*. São Paulo: Companhia das Letras.

Monteiro, Charles. 2007. "A construção da imagem dos 'outros' sujeitos urbanos na elaboração da nova visualidade urbana de Porto Alegre nos anos 1950". *Urbana*, ano 2, nº 2 (Dossiê: Cidade, Imagem, História e Interdisciplinaridade): 1-121.

Monteiro, Charles. 1995. *Porto Alegre: Urbanização e modernidade – A construção social do espaço urbano*. Porto Alegre: EdiPUCRS.

Nedel, Letícia Borges. 2007. "A recepção da obra de Gilberto Freyre no Rio Grande do Sul". *Mana* 13, nº 1: 85–118.

Pesavento, Sandra Jatahy. 1994. *Os pobres da cidade. Vida e trabalho (1880-1920).* Porto Alegre: Editora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Pontes, Heloísa. 1988. "Retratos do Brasil: Um estudo dos editores, das editoras e das 'Coleções Brasilianas', nas décadas de 1930, 40 e 50". *BIB*, nº 26: 56–89.

Santos, João Pedro dos. 2000. *A Faculdade de Direito de Porto Alegre*. Porto Alegre: Síntese.

Schorske, Carl E. 2012. *Fin-de-siècle Vienna: Politics and culture*. New York: Vintage Books.

Schwarcz, Lilia K. M. 2013. "Biografia como gênero e problema". *História Social*, nº 24: 51–73.

von Keyserling, Hermann Graf. 1925. *The travel diary of a philosopher.* New York: Harcourt, Brace.